

(DES)VELAMENTO DO ESPAÇO A PARTIR DO ENSINO DE GEOGRAFIA.

Leonardo Matiazzi Corrêa¹
Leonardo Nunes Domingos²

Resumo

Este trabalho se insere no campo do ensino de Geografia o qual abarca o dialogo entre o Espaço Escolar e o locus de estudo, que está situado no Bairro Goiabeiras, na cidade de Vitória – ES - Brasil. Tal localidade reúne características significativas e potencializadoras de pesquisas educacionais, as quais apontam desafios para algumas possibilidades de investigação científica a partir de categorias que envolvem o Espaço Escolar, na ótica de Escolano Benito e Vinão Frago, e Espaço em Milton Santos, David Havey e Tuan. Nosso objetivo de maneira geral, busca analisar de que modo ocorrem silenciamentos de conhecimentos de um dado Lugar a partir de uma dada Cultura Escolar. Nossa metodologia estará assentada na História Oral temática a luz de Meihy. Os sujeitos privilegiados desta pesquisa envolvem os moradores do entorno da escola, os alunos estagiários do curso de licenciatura em Geografia da UFES nos anos de 2008 e 2009 e professores de uma das escolas da localidade. Em relação às fontes, analisaremos, as narrativas de nossos sujeitos e os relatórios dos alunos estagiários na perspectiva de alcançar nossos objetivos.

Palavras Chaves: Ensino de Geografia, Espaço e Espaço Escolar.

¹ Graduado em Geografia na Universidade Federal do Espírito Santo. Mestrando em Educação na Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: lmatiazzi@hotmail.com

² Graduando em Geografia na Universidade Federal do Espírito Santo

I Introdução

A obra se insere no quadro das pesquisas no campo do ensino de Geografia, tendo como lócus de estudo o Bairro Goiabeiras, na cidade de Vitória – ES, o que abrange espacialmente o campus da Universidade Federal do Espírito Santo e escolas do ensino público fundamental e médio.

Tal localidade reúne características significativas e potencializadoras de projetos e pesquisas educacionais, que apontam desafios para algumas possibilidades de investigação científica a partir de temáticas/categorias como Espaço, Espaço Escolar, e Lugar.

Durante os anos de 2008 e 2009 que ministramos a disciplina de Estágio Supervisionado em Geografia na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) de tal modo que vivenciamos o entorno do Espaço Escolar, juntamente com os alunos estagiário, nesse período, percebemos o quanto a transformação do Espaço pode influenciar a mudança de valores na localidade.

Esperamos que o lócus possa configurar-se em um Espaço sócio-cultural privilegiado para o desenvolvimento de práticas educacionais, já que existem possibilidades de tecer relações entre a produção do conhecimento acadêmico e o cotidiano deste Lugar.

Os sujeitos privilegiados desta pesquisa são os moradores do entorno do Espaço Escolar, alunos estagiários³ do curso de licenciatura em Geografia nos anos de 2008 e 2009, bem como professores e alunos da Escola de Ensino Fundamental e Médio Almirante Barroso. Além disso, consideraremos como fontes nesta pesquisa narrativas produzidas pelos moradores do entorno do Espaço Escolar, professores da Escola, acompanhado dos relatos de experiências expressados pelos alunos estagiários, além de fotos antigas e recentes que (re)velam o Espaço.

Diante do exposto, analisar minuciosamente as fontes orientará nossa investigação, não somente para entendermos e compreendermos as transformações no espaço, mas

³ No caso dos alunos estagiários, privilegiamos as narrativas construídas a partir dos relatórios que envolvem a vivência dos alunos da UFES na localidade, nesse sentido, a vivência no cotidiano podem apontar para uma compreensão de que Geografia esse professor fala e como uma dada cultura da escola pode deslocar determinados saberes.

também como essas mudanças espaciais podem potencializar o conhecimento Geográfico e seu ensino.

Nesse contexto, acreditamos que as narrativas dos moradores do locus, acompanhadas de outras fontes como fotografias poderão potencializar a compreensão das transformações do no Espaço e nesse sentido potencializar o conhecimento geográfico. Esperamos que esses indícios poderá desvelar algumas evidências entre a tensão local-global.

A partir dessas reflexões, consideramos que a tensão local/global pode ser manifestada no Espaço a partir de uma dada Cultura Escolar, tendo em vista a prática docente de Geografia. Assim, pensamos que a Geografia enquanto disciplina escolar potencializa este estudo já que esta em desenvolvimento na Universidade Federal do Espírito Santo.

A finalidade desta pesquisa visa operacionalizar os motivos que conduzem essa tensão, tendo por referência as contribuições do e para o ensino de Geografia diante da interação escola-comunidade. Para tanto, é importante salientar que este trabalho é parte da pesquisa desenvolvida junto ao Pós-graduação em Educação no Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo – Brasil. Nesse sentido, anunciaremos nossa problemática, metodologia e objetivos que visamos alcançar futuramente.

I. 1 Objetivos

Como forma de melhor explicitar e, simultaneamente, sintetizar as intenções do trabalho, detalharemos as finalidades principais da pesquisa. Algumas demarcações ficarão mais evidentes.

Assim como o universo de amplitude das ações, nesse sentido, o presente trabalho busca analisar de que forma uma dada Cultura Escolar, assentada no ensino de Geografia, contribui para deslocar os conhecimentos constituídos em Goiabeiras (um dado Lugar), a partir do Espaço Escolar.

I. 2 A Via Metodológica.

A via metodológica a qual buscaremos suporte para a questão, basilar de nosso trabalho, será por meio da História Oral a partir de Bom Meihy (1996), para o autor, “a historia oral se apresenta como forma de captação de experiências de pessoas dispostas a falar sobre aspectos de sua vida mantendo um compromisso com o contexto social”. A partir desse caminho, pretendemos que os nossos sujeitos manifestem suas experiências⁴ e significados a respeito do Espaço.

A vivência do Espaço, tanto escolar quanto do entorno, propiciaram observações instigantes que conduzisse à abordagem metodológica da história oral, assim, Meihy (2002) lembra que “quanto mais informações se tem previamente, mais interessante e profundas suas questões podem ser”. Para tanto, nossos conhecimentos prévios a respeito desses Espaços, contribuíram para uma sensata inquietude que por sua vez fundamentou nossa questão norteadora. Meihy (1996), lembra ainda que, a “história oral é um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamentos e estudos referentes a vida social de pessoas”. Nesse contexto, nossos caminhos serão trilhados a partir do espectro desse autor.

De acordo com ele:

História Oral é uma prática de apreensão das narrativas feitas por meio do uso de meios eletrônicos e destinada a recolher testemunhos, promover análises de processos sociais do presente e facilitar o conhecimento do meio imediato (2002 p.13) [...] História oral é uma alternativa para estudar a sociedade por meio de uma documentação feita com o uso de depoimentos gravados em aparelhos eletrônicos e transformados em texto (1996. P 14).

Ao optar por essa abordagem metodológica e refinar nosso olhar para os objetivos propostos, Meihy indica três possibilidades que a história oral pode seguir, tais como: a

⁴ Rubem Figgot lembra que a “experiência são conceitos fundamentais para se definir os sentidos das narrativas em história oral” .(apud Meihy 2002,p.47) diante do exposto, pretendemos triangular as experiências narradas dos moradores, dos alunos estagiários e a dos professores, de tal modo que, possamos navegar rumo ao nossos objetivos.

história oral de vida⁵, a história oral temática e a tradição oral. De acordo com as afirmações de Bom Meihy (1996), as três tendências de história oral dependem de entrevistas gravadas.

A trilha escolhida para este estudo foi sedimentada na História oral temática, pois entendemos que, essa tipologia converge para uma especificidade preestabelecida, e que por sua vez nos oriente para os nossos objetivos. De acordo com Bom Meihy.

Dado seu caráter específico, a história oral temática tem características bem diferentes da história oral de vida. Detalhes da história pessoal do narrador apenas interessam na medida em que revelam aspectos úteis à informação temática central (1996 p.41).

O depoimento de nossos sujeitos será angariado por meio de entrevistas orais. Nesse contexto, seguimos os requisitos mínimos, apontados por Meihy para enquadrar nosso curso metodológico fundamentado na história oral. Conforme Meihy (2002) “pode-se dizer que três elementos constituem a relação mínima da história oral, e um não faz sentido sem os outros: 1) o entrevistador; 2) o entrevistado; 3) a aparelhagem de gravação”.

Deste modo, privilegiamos a constituição de um campo de investigação onde os sujeitos praticantes do Espaço Escolar, em especial os professores de Geografia e os alunos estagiários, podem contar suas histórias, intercambiando experiências de si e dos outros, de tal maneira que possa constituir um universo relacional propício para a fertilização de experiências que envolvem o Espaço Escolar e suas adjacências.

Acreditamos que investigar as narrativas de nossos sujeitos, as quais foram apreendidas por meio da História oral e registrar os conhecimentos do Lugar, podem, de maneira geral, potencializar a comunhão entre o Espaço Escolar e os Espaços afetivos de tal modo que se estabeleça um sentimento de Lugar.

Augé (1994), lembra que “o lugar é uma construção concreta e simbólica do espaço, princípio de sentido para aqueles que o habitam e princípios de inteligibilidade para os que

⁵ Bom Meihy descreve que “ a história oral de vida é o retrato oficial do depoente. Nesta direção, a verdade está na versão oferecida pelo narrador que é soberano para revelar ou ocultar casos, situações e pessoas”(1996 p.35).

observam”. Nesse sentido, confiamos que os significados dados por uma determinada Cultura Escolar ao Espaço, podem contribuir para o seu respectivo (des)velamento.

Assim, como já salientado de uma maneira ou de outra, o estudo empregou a utilização da história oral temática, uma vez que acreditamos que através dessa metodologia de pesquisa possamos entender o Espaço experienciado por professores, alunos estagiários e moradores.

Para tanto, Confiamos que essa metodologia possa transitar em uma via de mão dupla, cuja entrada consistiu em utilizar a documentação oral, e o retorno congruente se desenvolva de forma equivalente a fontes escritas. Nesse sentido, Meihy (2002) lembra ainda que a História Oral temática:

Quase sempre ela equipara o uso da documentação oral ao uso das fontes escritas. Por partir de um assunto específico e previamente estabelecido, a história oral temática se compromete com o esclarecimento ou a opinião do entrevistador sobre algum evento definido. A objetividade, portanto é direta.(145).

Nesse contexto, Borges (2001) destaca que “a perspectiva da história oral, como metodologia de investigação, contribuiu, também para a recuperação da arte de narrar.” Nesse contexto, procuraremos por esse curso registrar narrativas estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a história do bairro, do Lugar em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas e consensuais para que se possa compreender o Espaço e seus (des)velamentos, para assim entendermos as lógicas que envolvem as tensões e conflitos local/global, as quais confiamos, que desembocará no complexo Espaço Escolar a partir de uma dada Cultura Escolar.

Em nossas observações, pressupomos que as alterações no Lugar podem ser anunciadas por uma dada Cultura Escolar a qual desloca a cultura local para um campo opaco, ou seja, invizibilizado no Espaço Escolar. Confiamos que esses silenciamentos podem ser desenvolvidos a partir do Espaço Escolar para atender as necessidades do Espaço da Racionalidade. Concordamos com Forquin (1993) quando em seus relatos sobre educação e cultura afirma que:

Toda reflexão sobre a educação e a cultura pode assim partir da idéia segundo a qual o que justifica fundamentalmente, e sempre, o empreendimento educativo é a responsabilidade de ter que transmitir e perpetuar a experiência humana considerada como cultura, isto é, não como a soma bruta (e alias imputável) de tudo o que pode ser realmente vivido, pensado, produzido pelos homens desde o começos dos tempos, mas como aquilo que ao longo dos tempos, pode aceder a uma existência pública, virtualmente comunicável e memorável, cristalizando-se nos saberes cumulativos e controláveis, nos sistemas de símbolos inteligíveis, nos instrumentos aperfeiçoáveis, nas obras admiráveis. Nesse sentido, pode se dizer perfeitamente que a cultura é o conteúdo substancial da educação, sua fonte e sua justificação última: a educação não é nada fora da cultura e sem ela. (pag. 11).

Portanto, quando tomamos como objeto o Espaço não estamos essencializando apenas a escola e seu entorno, mas os (des)afetos que são tencionados no Espaço Escolar por uma dada Cultura Escolar. Como entendemos que a escola não é apenas um Espaço de encontro, aceitação e contemplação das diferenças, antes de exploração e negociação de tensões, colocamos que as mudanças que estão a ocorrer no Espaço do locus, resultantes do confronto local/global, podem ser desocultados a partir da visibilidade dos conhecimentos constituídos nos Lugares a partir da Experiência. No que se refere mais particularmente à educação do tipo escolar, concordamos com Forquin (2003) quando assegura que:

A consciência de tudo que ela conserva do passado não deve encorajar a inconsciência de tudo o que ele esquece, abandona, ou rejeita. A cada geração, a cada “renovação” da pedagogia e dos programas, são partes inteiras da herança que

desaparecem da “memória escolar⁶”, ao mesmo tempo que novos elementos surgem, novos conteúdos e novas formas de saber, novas configurações epistemico-didática, novos modelos de certezas, novas definições de excelência acadêmica ou cultural, novos valores. Devemos assim reconhecer o grande poder de seleção da “memória docente”, sua capacidade de “esquecimento ativo”. Podemos não perguntar quais são os determinantes, os mecanismos, os fatores desta seleção cognitiva e cultural que faz com que uma parte da herança humana é assim mantida “a salvo do esquecimento”, de geração a geração, enquanto que o resto parece consagrado ao sepultamento definitivo. (p.15).

A vivência no Espaço e as Experiências dos indivíduos e dos grupos sociais ao se relacionarem com o Lugar são, portanto, elementos importantes na constituição do conhecimento geográfico, nesse contexto, confiamos que os saberes do entorno do Espaço Escolar podem apontar para os desvelamentos do ensino de conceitos-chaves da Geografia. O campo das narrativas tem a vitalidade de provocar no coletivo institucional um autoconhecimento por reconhecimento dos professores, sujeitos/autores da prática educativa, como sublinha Perez:

Resgatar, memórias e narrativas no cotidiano da escola, afirmando-a como lugar de pertencimento, é reatualizar oportunidades preexistentes e desenvolver possibilidades latentes de recriar, através da prática educativa, a história local a partir do lugar - realidade social experimentada diretamente, vidas comuns suscetíveis de criar normas locais, normas de solidariedades e oportunidade de realização de uma história diferente (2005, p. 1).

⁶ As “memórias escolares” as quais se referem Forquin, pretendemos alcançar através das experiências narradas e relatadas pelos professores, moradores e alunos licenciando em geografia

Nesse sentido, buscamos compreender as ações dos praticantes do Espaço Escolar a partir de processos de descobertas ou decifragem de acontecimentos e fatos que por sua fugacidade, foram desconsiderados ou invisibilizados pela racionalidade espacial⁷. De acordo com Santos (2006), a racionalidade Espacial esta associado ao “planejamento do Espaço”.

Ao optar pelas narrativas dos nossos sujeitos, a entendo na perspectiva de Larrosa (1994). Para esse autor, a narrativa constitui-se “no sentido do que somos dependentes das histórias que contamos a nós mesmos em particular das construções narrativas nas quais cada um de nós é, ao mesmo tempo, o autor, o narrador e o personagem principal”.

Considerando a complexidade do tema da pesquisa e, empenhado na perseguição dos objetivos, acredita-se que será necessário dialogar as narrativas de nossos sujeitos com nossos referenciais, buscando assim, narrativas acerca de temas específicos, ligados ao processo de constituição do bairro e paradoxalmente, embora seus projetos institucionalizados específicos, a manutenção de suas tradições e culturas (benzedeiros, paneleiras, as cantadeiras, tocadores da banda de congo, folia de reis e devotos de São Benedito) em tempos de Globalização serem deslocados ou até mesmo invisibilizados e emudecidos.

Nesse contexto, notamos ao vivenciar o cotidiano, enquanto morador do locus, que os mais jovens desconhecem algumas particularidades do Lugar, tais como o Congo, a Folia de Reis e o ato do Benzer, no caso específico da panela de barro, ocorre o oposto.

Diante do exposto, pensamos em nos apoiarmos na matriz teórica da Geografia (principalmente nos conceitos específicos de Espaço Geográfico, Território, Paisagem e Lugar.). Haesbaert (2007) acredita que os territórios (geográficos, afetivos e sociológicos)

⁷ Para que possamos compreender o Espaço Racional e o Planejamento do Espaço, Milton Santos lembra que: [...] A cada período técnico corresponde a uma mudança geral nas relações sociais. Ora a localização da infra-estrutura é resultado de um planejamento que sobre tudo interessa aos atores hegemônicos da economia e da sociedade, de modo que diz Horkheimer, “[...] na medida em que o processo de racionalização não é mais o resultado de forças anônimas do mercado, mais é decidido pela consciência de uma minoria planejadora, também a massa de sujeitos deve ajustar-se: o sujeito deve, por assim dizer, dedicar todas as suas energias para estar “dentro de um movimento das coisas” nos termos de definição pragmáticas” (2006,p.299-300.).

estão sendo destruídos, juntamente com as identidades culturais (que seriam também territoriais) e o controle (principalmente o estatal) sobre os Espaços. A razão instrumental por meio de suas redes técnicas globalizadoras, tomaria conta do mundo, surgindo uma sociedade rede (CASTELLS, 1996), onde proliferariam cada vez mais os não lugares (AUGÉ, 1992).

Na triangulação dos dados e narrativas obtidas a partir dos nossos sujeitos, via a metodologia da História Oral temática, associado aos relatos e relatórios somados as anotações no caderno de campo, provenientes das observações do/no cotidiano do Espaço Escolar e seu entorno, apoiados em um referencial teórico a ser rastreado com levantamentos bibliográficos, espera-se ter subsídios para interpretação e redação de um relatório de pesquisa que vise contribuir para o campo da educação e do ensino da Geografia local.

II Diante de Alguns Resultados.

Apresentaremos aqui parte de alguns resultados alcançados da pesquisa desenvolvida junto ao Programa de Pós-graduação em Educação o qual está vinculado ao Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo.

II 1 Goiabeiras, Vitória e a Globalidade: encontro,(re)encontro e (des)encontro.

Esse capítulo tende a desvelar o entorno do Espaço Escolar e também anunciar a tensão local/global. Nesse contexto, alguns aspectos de Goiabeiras serão anunciados de tal maneira que possibilite a compreensão do cotidiano e dos valores dados pelos moradores a determinados Espaços.

As narrativas dos moradores, a respeito do Espaço Vivido em Goiabeiras, nos fez compreender o significado do conhecimento geográfico e suas relações com a cultura, tais sentimentos também são lembrados por Claval (2007) quando nos diz que “a cultura é a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos, dos valores acumulados pelos indivíduos durante a suas vidas”.

Os indícios que foram descobertos a partir das narrativas dos moradores e por fontes bibliográficas, nos conduziram a identificar alguns espaços que gozam de estimável familiaridade.

O significado afetoso o qual será desvelado, mais adiante, pelos moradores, nos direcionam para a ideia de Lugar, tal sentimento é apontado por Tuan (1982), ao lembrar que “quando o espaço é inteiramente familiar, torna-se lugar”, uma vez que “a ideia de espaço esta subordinada à ideia de localização de lugares significantes”, o (re)encontro, serão desvelados a seguir a partir de alguns aspectos que envolve o bairro de Goiabeiras.

A tendência de organização Espacial das últimas décadas, apontadas, para atender a racionalidade da economia global, resultou em certos desencontros consideráveis em Goiabeiras. Nesse sentido, as forças propulsoras que desencadeou a tensão local/global desembocam no Espaço Escolar e no seu entorno.

Nesse contexto, as tensões que atravessam os muros da escola são fundamentais para que o ensino de Geografia possa (des)velar esas transformações no Espaço e conduzir essas discussões para o Espaço Escolar.

III - Anuncio do Espaço Escolar

As relações disciplinares que tendem a (des)velar o Lugar envolvem os sentimentos e significados propagados por uma dada Cultura Escolar a qual poderá ser carreada para dentro do Espaço Escolar Almirante Barroso. Diante do exposto, Vinão Frago (2008) ilustra a potencia do Espaço Escolar para a pesquisa ao evidenciar que

qualquer atividade humana precisa de um espaço e de um tempo determinado. Assim acontece com o ensinar e o aprender, com a educação. Resulta disso que a educação possui uma dimensão espacial e que também, o espaço seja, junto com o tempo, um elemento básico, constitutivo, da atividade educativa.

As tentativas de modernização do povo a partir do Espaço Escolar comunga com o projeto organizado pelo Espaço da Racionalidade em Goiabeiras. Nesse contexto, a natureza em civilizar os habitantes do Espírito Santo entre os séculos XV e XIX é modificado com o despertar da república, para tanto, nesse momento histórico dos ideários da pedagogia nacional ocorre a necessidade de transformação do povo em cidadãos.

Nesse entendimento, compreendemos que os desenvolvimentos dessas novas tendências introduzidas no Espaço Escolar capixaba foram conduzidos por uma ótica assentada na erosão dos conhecimentos e das Experiências constituídas nos Lugares. Sendo assim, os hábitos e comportamentos estabelecidos são gradativamente impactados pela tensão local/global.

Entretanto, os sentimentos de civilização e cidadania difundidas pelo Espaço Escolar se desenvolvem de uma maneira semelhante e peculiar. Nesse entendimento, os relatos de Sainte-Hilaire, nas primeiras décadas do século XIX, apontam para os novos comportamentos e valores atribuídos ao tempo e ao espaço.

Segundo o naturalista, em Nova Almeida, o ócio era tratado pelos jesuítas como uma “indisciplina” e para evitá-la a punição se desenvolvia a partir da substituição dos tempos “preguiçosos” por trabalho. Segundo ele.

conhecendo a inconstância e a preguiça dos índios, os jesuítas haviam submetido a uma austera disciplina; para que fossem verdadeiramente felizes, queriam que eles trabalhassem e não deixavam sem punição o ócio(p.74).

O testemunho de Saint-Hilaire lembra o caminho adotado por uma Cultura Escolar que priorizou o velamento dos desejos, hábitos e comportamentos constituídos a partir de experiências locais. As afirmações do naturalista relatadas a 200 anos, nas imediações de Goiabeiras, evidenciam os estereótipos e rótulos que acompanham os olhares de quem é de um outro Lugar.

Assim, a visão civilizadora narrada no princípio do século XIX, de certa maneira, comunga ainda com algumas concepções de professores os quais integram a comunidade escolar da Escola de primeiro e segundo grau Almirante Barroso.

Nesse entendimento, as conjunções dos olhares estereotipado do colonizador são semelhante a de alguns docentes que ocupa, “temporariamente” o Espaço Escolar. Diante do exposto, esse tipo de visão pode interferir nos hábitos, conhecimentos e experiências que foram constituídas junto ao Manguezal de Goiabeiras.

Nesse contexto, Frago (2008) nos lembra que “a escola enquanto instituição ocupa um Espaço e um Lugar”, sendo assim, o Espaço Escolar em Goiabeiras pode ser entendido como a via de penetração da racionalidade moderna, já que ao projetar novos valores e significados, via Espaço Escolar, o conhecimento e experiências a respeito do Lugar são vendidos em uma dada Cultura Escolar.

Nesse entendimento, Souza (2008) nos alerta.

Já no início do século XX, a racionalização havia penetrado, de modo indelével, todas as dimensões do trabalho escolar, disciplinando o tempo (o calendário do ano letivo, os horários, a jornada escolar-entrada, saída, e intervalos), os programas (a distribuição dos conhecimentos no curso, nas séries, nas unidades) os métodos de ensino, os exames e o comportamento de professores e alunos. (p.53).

A instituição em Goiabeiras da racionalidade do Espaço foi gradativamente introduzida, como já salientamos de uma maneira ou de outra, a partir de objetos alocados no Lugar para atender os objetivos dos agentes políticos e económicos globais.

A atmosfera da modernidade anunciada no Espaço Escolar atesta a necessidade de constituição de cidadãos que possam contribuir para o projeto esperado de sociedade, uma vez que os valores e comportamentos são combinados por uma dada Cultura Escolar.

A inserção do Espaço Escolar no Lugar(em Goiabeiras), edifica a conexão de novos conhecimentos, valores, significados e comportamentos que estão internalizados e conjugados com os interesses do Espaço da racionalidade, nesse entendimento Escolano nos Lembra que

seus elementos simbólicos próprios ou incorporados e a decoração exterior e interior respondem a padrões

culturais e pedagógicos que a criança internaliza e aprende (2008 p.45.)

Diante do exposto, essas mesmas relações que envolvem as tensões civilizador/civilizado, global/local, provido/(des)provido de conhecimento, professor/aluno, comungam com alguns acontecimentos dentro do Espaço Escolar uma vez que estão escamoteadas nas narrativas e testemunhos da comunidade escolar.

Por fim, como já anunciamos de uma maneira ou de outra, buscamos com esse trabalho anunciar parte dos resultados alcançados até o momento na pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo.

Referencias Bibliográfica.

AUGÉ, Marc. Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, SP.Papirus, 1994.

BORGES, Vilmar José. Mapeando a geografia escolar: identidades, saberes e práticas, Uberlândia, 2001.

BOM MEIHY, José Carlos Sebe. Manual de história oral. São Paulo: Loyola, 1996.

BOM MEIHY, José Carlos Sebe. Manual de história oral. São Paulo: Loyola. 5 ed. 2002.

ESCOLANO, Augustín. Arquitetura como programa. Espaço escolar e currículo. In: Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa. Frago, Antonio Vinão e Escolano, Augustín. Tradução. Veiga-Neto, Alfredo. 2^a ed. Rio de Janeiro, DP&A, 2001.p.19-58.

FORQUIN, Jean-Claude. Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Tradução: Guacira Lopes Louro. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FRAGO, Antonio Vinão. Do espaço escolar e da escola como lugar: propostas e questões. In: Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa. Frago, Antonio Vinão e Escolano, Augustín. Tradução. Veiga-Neto, Alfredo. 2ª ed. Rio de Janeiro, DP&A, 2001.p.59-140.

HAESBAERT, Rogério . Territórios alternativos. 2 ed.São Paulo Contexto,2006. . O Mito da Desterritorialização: do “fim dos Territórios” à Multiterritorialidade. 2ª ed. Rio de Janeiro , Bertrand Brasil, 2006.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação: In SILVA, Tomaz Tadeu. O sujeito da educação. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 35-86.

SAINTE-HILAIRE, August de. Viagem ao Espírito Santo e Rio Doce; tradução de Milton Amado. Belo Horizonte, ed. Itatiaia, ed. da Universidade de São Paulo, 1974.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4 ed. São Paulo, Edusp, 2006.

PEREZ, Carmem Lúcia Vidal. A memória do lugar na formação de professores: a escola como centro (re) criador da memória, da história e da cultura local. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/26/trabalhos/carmenluciavidalperez.rtf>>. Acesso em: 29. out. 2009.